

# Revista Eutomia - Ano III - Volume 2 Dezembro/2010

## Cultura Predatória e Classe Ociosa

### O Cortiço, de Aluísio Azevedo, sob lentes veblenianas

Prof. Dr. John Rex Amuzu Gadzekpo<sup>1</sup> (CEL, UTAD; Vila Real, Portugal)

#### Resumo:

**O Cortiço**, de Aluísio Azevedo opera uma análise patológica das relações interpessoais e socioeconômicas entre os brasileiros e os imigrantes portugueses pegos naquele atoleiro de lutas intermináveis da decadente burguesia brasileira da segunda metade do século XX. A evolução desse microcosmo da república elevado ao estatuto de progenitor e mentor de indivíduos e classes sociais, parece corresponder aos estágios enunciados na **Teoria da Classe Ociosa** de Thorstein Veblen, sobretudo na progressão da cultura pacífica/ predatória à fase da classe ociosa própria. Este estudo confronta os dois textos, com recurso ocasional à teoria da função social do jogo, elaborada no *Homo Ludens* de Johan Huizinga, no que parece uma perfeita simbiose entre a literatura realista-naturalista e uma teoria socioeconômica de cunho darwinista, o conjunto levando à protagonização de membros das classes subalternas da sociedade brasileira, e produzindo a personagem ímpar de Rita Baiana, numa inusitada caracterização literária do afro-brasileiro como objeto e sujeito.

Palavras-chave: classe ociosa, cultura predatória, sociedade brasileira, afro-brasileiro objeto/sujeito literário.

*Summum crede nefas animam praeferre pudori,  
Et propter vitam vivendi perdere causas?*<sup>2</sup>

#### Introdução

O naturalismo de Aluísio Azevedo (1857: São Luís de Maranhão -1913: Buenos Aires), que alcança seu auge em **O Cortiço**, não é apenas a fiel representação da realidade ou condição humana, com ênfase no aspecto desagradável, animalístico e primitivo, como também um verdadeiro retrato do Brasil do segundo império, no qual

as sobrevivências da estrutura colonial punham à mostra uma numerosa casta de portugueses enriquecidos a empolgar as posições de comando, e uma legião

mal definida de pretos, mulatos e brancos, em pleno processo de caldeamento e formação, constituindo o escalão mais inferior da sociedade<sup>3</sup>.

O conteúdo socioeconômico anda de mãos dadas com as preocupações literárias, de tal forma que, no percurso do romance, o leitor vê, através das palavras escritas, um verdadeiro filme do Brasil da época, feito nos refolhos do bairro do Botafogo, na cidade do Rio de Janeiro, onde o autor trabalhou, vindo da sua cidade natal de São Luís de Maranhão, como caricaturista em jornais políticos e humorísticos, como **O Mequetrefe**, **O Fígaro**, e **Zig-Zag**.<sup>4</sup>

**O Cortiço** é o retrato da habitação coletiva, viveiro de misérias e vícios, atoleiro moral em que abundavam brigas feias, adultério, promiscuidade, assassinato, e também fervor humano, festividade sem fim e solidariedade por interesse comum. Mas também é, no seu pormenor científico à Zola, uma análise patológica da burguesia decadente da segunda metade do século XIX. O elemento português, representado por João Romão (o protagonista), Miranda, Jerônimo e outros imigrantes de menor relevo, surge em contraposição ao elemento brasileiro, indígena, cujos membros são a maioria daquele povaréu do cortiço, mas cujo epítome autêntico é a Rita Baiana. A oposição português-brasileiro é apenas um dos eixos conflitivos do romance. Estruturalmente, distinguimos uma oposição cortiço-sobrado, um tipo de antítese casa-grande-e-senzala, demarcando as camadas sociais mais inferiorizadas, por uma parte, e as elites burguesas com pretensões aristocratizantes, por outra.

Existe também oposição entre o cortiço original, o Carapicus, e o novo, o Cabeças de Gato. Ao mesmo nível de cortiço, verifica-se a série de oposições Firmo/Jerônimo, Rita/Piedade, Jerônimo/Piedade e Leocádia/Bruno, sobresaíndo entre outras de menor contraste. Ao nível de sobrado, existe a eterna oposição Mirando/João Romão, as oposições, ora discretas, ora abertas, Bertoleza/Romão e Estela/Miranda que, sendo de natureza familiar e íntima, têm características diferentes e peculiares.

Qualquer que seja a natureza dessas oposições, parece existir nelas uma base comum, uma fórmula científico-filosófica capaz de servir de explicação do fenômeno: é a existência da **cultura predatória**, em níveis relativos, entre cortiço e sobrado, e dentro de cada um de ambos os campos. Trata-se dum conceito central na análise crítica da sociedade pecuniária, contida na **Teoria da Classe Ociosa** de Thorstein Veblen<sup>5</sup>.

Neste trabalho, algumas das teorias de Veblen aplicáveis em **O Cortiço** serão analisadas vis-a-vis os aspectos relevantes no dito romance, adotando uma metodologia de defrontamento de textos, o que vai exigir a farta citação de trechos relevantes.

## 1 O Homem na Transformação dos Sistemas Econômicos: cultura pacífica e cultura predatória

O **Cortiço** abre-se com a apresentação de João Romão, empregado de um vendeiro português, mas agora proprietário da venda que ele recebeu do antigo dono como pagamento parcial de ordenados vencidos. Esta nova situação de proprietário é o momento-chave da teoria da classe ociosa, já que segundo Veblen, no curso da evolução cultural, o aparecimento duma classe ociosa coincide com o início da propriedade (p.15). Nessa nova condição, o nosso protagonista não descansa. Fiel à doutrina da sociedade pecuniária, nitidamente expresa nas palavras de Benjamin Franklin (1706-1790), :

O caminho para a fortuna, se você a desejar, é tão simples como o caminho para o mercado. Ele depende basicamente de duas palavras, operosidade e frugalidade; isto é não gastar nem tempo, nem dinheiro, mas fazer o melhor uso de ambos. (VEBLEN, p. x)

João Romão “atirou-se à labutação ainda com mais ardor, possuindo-se de tal delírio de enriquecer que afrontava resignado as mais duras privações”.(p.13). Ele dormia sobre o balcão da venda, acima de uma esteira e, como travesseiro, usava um saco de estopa cheio de palha.

A operosidade e frugalidade não devem ser apenas praticadas, mas também aparentadas. Assim, continua Benjamin Franklin,

Para garantir meu caráter e meu crédito como comerciante, eu cuidei não só de ser industrioso e frugal, mas de evitar a aparência do contrário. Eu me vestia com simplicidade, e nunca fui visto em lugares de diversão e ócio. Eu nunca fui pescar ou caçar. (Veblen, p.x)

João Romão, portanto, não só “não saía nunca a passeio, nem ia à missa aos domingos”, mas era sempre visto em mangas de camisa, de tamancos, sem meias ...”. (p.15). A sua única preocupação era o lucro, cada motivação sua não passava além da pecuniária, mesmo se isso implicaria num ato desonesto e até criminoso. A moral é sacrificada no altar do dinheiro. Assim,

Sempre em mangas de camisa, sem domingo nem dia santo, não perdendo nunca a ocasião de assenhorear-se do alheio, deixando de pagar todas as vezes que podia e nunca deixando de receber, enganando os fregueses, roubando nos pesos e nas medidas, comprando por dois dez reis de mel coado o que os escravos furtavam da casa dos seus senhores, apertando cada vez mais as próprias despesas, empilhando privações sobre privações, trabalhando e mais a amiga como uma junta de bois, João Romão veio afinal a comprar uma boa parte da bela pedreira que ele, todos os dias, ao cair da tarde, assentado um instante à porta da venda, contemplava de longe com resignado olhar de cobiça. (VEBLEN, p.15)

A palavra-chave é “cobiça”, atitude espiritual que coloca ao alcance do proprietário cada bem que se apresenta. A resposta de João Romão – “Para mim era vantagem” – ao pedido de Miranda, que queria comprar um pedaço da área do fundo da casa daquele, para não ficar “sem chácara, sem jardim, sem nada” (p.18) - esta preocupação, em si, indicativa de obsessão com propriedade - resume o egoísmo característico da cobiça.

A propriedade de João Romão aumenta, e com ela a atitude predatória. A teoria vebleniana reconhece dois níveis de cultura designados a fase de cultura predatória, correspondendo, no percurso da evolução cultural, a um inicial estágio pacífico que passa para um subsequente estágio belicoso. Mas a teoria dá um *caveat*: sempre existiu luta, mesmo nos estágios mais primitivos de desenvolvimento social, manifestando-se nos chamados hábitos dos antropóides”, na competição entre os sexos<sup>6</sup>, etc.<sup>7</sup> A questão não é a ocorrência de luta de vez em quando, mas sim, a existência de um estado de espírito habitualmente belicoso, uma atitude que interpreta os fatos e acontecimentos em termos de luta. Assim, a diferença fundamental entre a primeira fase pacífica e a segunda belicosa não é mecânica senão espiritual.

Veblen argumenta que essa mudança de atitude é o resultado da mudança nos fatos materiais da vida do grupo. Ela se opera gradualmente, na medida em que surgem as circunstâncias materiais favoráveis à atitude predatória.

Em **O Cortiço**, percebe-se que a cada aumento da propriedade de João Romão, aprimora-se a técnica predatória, ora manifestando-se na exploração do homem pelo homem numa relação proprietário-empregado, ora numa cobiça insaciável pela propriedade alheia, ou numa luta frenética pela posse de bens e posições disponíveis na sociedade.

No primeiro caso, a Bertoleza é a primeira e máxima vítima de exploração por parte de João Romão. O vendeiro, numa triste ironia, escravizou-a mediante uma falsa carta de alforria. Ela labutou durante muitos anos e, através do seu suor construiu o império comercial do seu amigado, só para ser rejeitada, abusada e empurrada ao suicídio como último recurso da preservação da sua dignidade humana. O percurso da exploração da Bertoleza demonstra nitidamente o caráter da cultura predatória: de um início pacífico de amigos de confiança, na época de propriedade mínima – a venda – passamos progressivamente à luta velada e discreta de exploração – a mulher virou uma máquina incansável, suja e abusada – à luta semi-aberta coincidindo com a separação de camas, quando da ampliação e reforma do sobrado e da ampliação do cortiço. Com o ingresso de João Romão na companhia daqueles da Rua do Ouvidor, em consequência da aquisição de mais propriedade e mais ambição, vêm a ameaça de morte e expulsão e, finalmente, a morte da Bertoleza por suicídio induzido.

O vendeiro sugava também o sangue dos pedreiros. Quando ele adquiriu uma boa parte da pedreira,

Pós lá seis homens a quebrarem pedra e outros seis a fazerem lajedos e paralelepípedos, e então principiou a ganhar em grosso que, dentro de um ano e meio, arrematava lá tudo o espaço compreendido entre as suas casinhas e a pedreira, isto é, umas oitenta braças de fundo sobre vinte de frente em plano enxuto e magnífico para construir. (p.15)

Mas, vejamos a condição em que trabalham os pedreiros:

Aqui, ali, por toda parte, encontravam-se trabalhadores, uns ao sol, outros debaixo de pequenas barracas feitas de lona ou folhas de palmeira... E todo aquele retintim de ferraments, e o martelar da forja, e o coro dos que lá em cima brocavam a rocha para lançar-lhe fogo, e a surda zoadá ao longe, que vinha do cortiço, como de uma aldeia alarmada: tudo dava uma idéia de uma atividade feroz, de uma luta de vingança e de ódio. Aqueles homens gotejantes de suor, bêbedos de calor, desvairados de insolação, a quebrarem, a espicacarem, a torturarem a pedra, pareciam um punhado de demônios revoltados da sua impotência contra o impassível gigante que os contemplava com desprezo, impertubável a todos os golpes e todos os tizos que lhe desfechavam no dorso, deixando sem um gemido que se lhe abrissem as entranhas de granito. (p.38)

O aspecto de ódio, vingança, desprezo e luta, de empregado contra patrão, está bem presente na exploração, e até a própria natureza sente-se prejudicada pela exploração. Esse clima de conflito e de clivagens nitidamente delineadas em estruturas verticais de organização socioeconômica constitui o cenário ideal do estado de luta.

O eventual chefe dos pedreiros – Jerônimo – é outra vítima de exploração. Chegando de Portugal com a família, trabalhou com seu primeiro senhor no Brasil, um fazendeiro “em cuja fazenda mourejou durante dois anos, sem nunca levantar a cabeça e de onde afinal se retirou de mãos vazias e uma grande birra pela lavoura brasileira”. Outro aspecto da sua experiência que ele considerava triste foi quando, para continuar na roça, teve que “sujeitar-se a emparelhar com os negros escravos, viver com eles no mesmo meio degradante, encurralado como uma besta, sem aspirações, nem futuro, trabalhando eternamente para outro.” (p.41-42). E, para mudar de sorte, ele foi trabalhar como pedreiro, e finalmente meteu-se com João Romão sob condições que falam por si: um salário de setenta mil-reis, alojamento no cortiço e comida na venda de João Romão. Desse contrato, este pensou de si para si: “Os meus setenta mil-reis voltar-me-ão à gaveta. Tudo me fica em casa” (p.40). Eis o preço que o vendeiro paga por esse “achado precioso”, além de cobrar aluguel de tina da sua esposa, Piedade, que vai integrar o famoso grupo de lavadeiras<sup>8</sup> do cortiço: Numa sociedade escravocrata como a brasileira da época, tal exploração dum colono português assume uma significância talvez explicável só no contexto do determinismo da cultura predatória

Os moradores do próprio cortiço constituem um grupo em eterna luta contra o proprietário, além das lutas tipo “hábitos dos antropóides” entre os próprios moradores: luta entre “galegos” e “cabras”, entre Piedade e Rita que, na enxuta análise de Rui Mourão, baseia-se em diferenças de cheiro, cor, alimentação, hábitos de vida, linguagem, etc.<sup>9</sup> O verdadeiro estado de luta existe, aliás, entre cortiço e sobrado, num plano geral, evidentemente por causa da diferença material entre as duas entidades, mas também porque aquele é explorado por este, como demonstra a contínua ampliação e modernização estrutural do cortiço em contraposição à acelerada decadência e desmoronamento dos padrões de vida ou mera existência dos seus integrantes. O cortiço, praticamente, é uma república de proletariados em eterna luta contra a burguesia exploradora do sobrado.

Apesar das lutas internas, a solidariedade entre os membros do cortiço é excepcional, ditada pelo interesse comum de explorados, e de tal maneira que é quase impossível penetrar o grupo e saber dos seus segredos. No interrogatório policial, em decorrência da briga Firmo-Jerônimo, as perguntas, exclusivamente dirigidas a João Romão, eram respondidas, uníssono, por todos os moradores do cortiço, “a despeito dos protestos e das ameaças da autoridade, que se viu tonta.”(p.90). E quando o subdelegado queria que denunciassem os protagonistas do ocorrido no dia anterior,

Como de costume, o espírito de coletividade que unia aquela gente em círculo de ferro, impedia que transpirasse o menor vislumbre de denúncia. O subdelegado, depois de dirigir-se inutilmente a um por um, despachou o bando, que fez logo a sua retirada, no meio duma alacridade mais quente ainda que a da ida. (p.90)

Numa manifestação de solidariedade semelhante à da clássica **Fuenteovejuna** de Lope de Vega<sup>10</sup>, (mas mais fechada que esta), nem o médico conseguiu arrancar de Jerônimo, a própria vítima da esfacada, “o maior esclarecimento sobre o motivo da navalhada” (p.90).

O elemento de luta se manifesta também entre os dois cortiços – os Carapicus e os Cabeças-de-Gato, cada um, contudo, mantendo aquele alto nível de solidariedade grupal. Na sua famosa guerra, quando os Carapicus se sentiram invadidos pelos Cabeças-de-Gato, e mesmo no meio duma briga generalizada entre portugueses e brasileiros dos Carapicus, o estado de luta é superado pela essencial solidariedade do grupo:

Um só impulso os impelia a todos; já não havia ali brasileiros e portugueses; havia um só partido que ia ser atacado pelo partido contrário; os que se batiam ainda há pouco emprestavam armas uns aos outros, limpando com as costas das mãos o sangue das feridas. (p. 127)

O mais alto exemplo de solidariedade, a nível de categoria geral de explorados de cortiço, porém, foi constatado justamente durante esta guerra entre os dois cortiços. A Bruxa ateara fogo ao seu próprio cortiço dos Carapicus, e tudo estava em chamas. E os invasores, os Cabeças-de-Gato,

... leais nas suas justas de partido, abandonaram o campo, sem voltar o rosto, desdenhosos de aceitar o auxílio de um sinistro e dispostos até a socorrer o inimigo, se assim fosse preciso. E nenhum dos Carapicus os feriu pelas costas. (p.127)

Trata-se da solidariedade de um grupo social que, diríamos, se encontra na fase inicial pacífica da evolução cultural, etapa na qual a luta ainda assumia a forma de um “jogo” regido por regras convencionadas (*apud* Johan Huizinga, em seu **Homo Ludens**),<sup>11</sup> e não se consagrou como nota dominante na teoria da vida do grupo. Como declara Rui Mourão, sobre a luta entre os dois cortiços,

O antagonismo entre as facções era artificial e fora provocado por instigação de João Romão, que no momento do aparecimento do novo conjunto de casas, procurara defender daquela forma a sua propriedade contra riscos de uma iminente concorrência... (p.7)

Um antagonismo superficial, artificial, portanto. A verdadeira oposição, afirma Rui Mourão, “é entre João Romão e o cortiço”, e isso, em caráter de atitude predatória.

Nesse cenário, parece existir uma perfeita simbiose ou complementaridade não só entre as teorias de Huizinga e Veblen, como também entre essas teorias e as ideologias literárias de um Lope de Vega barroco e um Aluísio de Azevedo naturalista.

## 2 Emulação Pecuniária

Veblen critica severamente a clássica teoria econômica que afirma que o empresário, ao maximizar seus interesses, realizava o bem comum, isto é, o empresário aplica os excedentes obtidos na produção para o bem comum da sociedade. Esta teoria clássica que procura justificar o capitalismo cru é desfeita por Veblen, argumentando que os referidos excedentes de produção são dilapidados em “consumo conspícuo”, cujo objetivo é impressionar os outros e mostrar-lhes que se possui excedentes. Esta dissipação ou utilização de recursos de forma improdutivo, e em “emulação pecuniária”, tem um só objetivo – causar impressão. E, continua Veblen, a motivação pecuniária e o consumo conspícuo definem os estilos de vida, o gosto, a indumentária e a feição de uma sociedade e civilização.

Em **O Cortiço**, além deste fenômeno ser constatável na ascensão burguesa de João Romão e de seu rival, Miranda, podemos também apontar exemplos de dissipação entre as pessoas sem

propriedade produtiva, como os pobres moradores do cortiço que, numa aspiração burguesa mal-concebida, se deixam arrastar pela emulação pecuniária.

Mas, primeiro, João Romão e Miranda. Miranda fez, de seus excedentes, um sobrado bonito e um estilo de vida fino no qual figuravam teatros, bailes, a Rua do Ouvidor, restaurantes, roupas finas e vinhos e cervejas. Mas, mais importante, conseguiu ser agraciado com o título de Barão, marcando a ocasião com uma festa de arromba, como diz a expressão popular. O consumo era conspícuo:

Defronte, a casa de Miranda resplandia já. Içaram-se bandeiras nas janelas da frente; mudaram-se as cortinas, armaram-se florões de murta à entrada e recamaram-se de folhas de mangueira o corredor e calçada. Dona Estela mandou soltar foguetes e queimar bombas ao romper da alvorada. Uma banda de música, em frente à porta do sobrado, tocava desde essa hora. O Barão madrugara com a família; tudo de branco, com uma gravata de rendas brilhantes no peito da camisa, chegava de vez em quando a uma das janelas, ao lado da mulher, ou da filha, agradecendo para a rua; e limpava a testa com o lenço; acendia charutos, risonho, feliz, resplandecente. (p. 81)

Miranda conseguiu impressionar, e o efeito não se perdeu em João Romão que “viu tudo isso com o coração moído”. Para qué, pensava ele, “ter vivido como ele vivera até ali, curtindo privações, em tamancos e mangas de camisa”? Por que não “ter feito como o Miranda, comendo boas coisas e gozando à farta”? E para esta segunda alternativa não lhe faltava dinheiro. Sim, seria bom “sacrificar uma boa porção de contos de réis, tão penosamente acumulados, em troca de uma tetéia para o peito”, “dividir o que era seu, tomando esposa, fazendo família e cercando-se de amigos”, “encher de finas ignarias e vinhos preciosos a barriga dos outros...”. Isso significava uma mudança radical de vida de quem, como ele, tinha vestido um paletó (nem pensar em casaca), e só andava “com aqueles pés deformados pelo diabo dos tamancos, criados à solta, sem meias...”. Como iria calçar sapatos de baile? “E suas mãos, calosas e maltratadas, duras como as de um cavouqueiro, como se ajeitariam com a luva? E, por cima, pesava a dificuldade de o que dizer aos convidados e como tratar damas e cavalheiros, “em meio de um grande salão cheio de espelhos e cadeiras douradas”. Finalmente, onde acharia uma esposa educada e distinta? (p. 82).

Mas o sacrifício é justificável, na teoria de emulação pecuniária. Os excedentes terão que mostrar-se em consumo conspícuo. Miranda se fez Barão, João Romão aspira a Visconde. Aprende a dançar e a frequentar sociedades carnavalescas. Vai de vez em quando à Rua do Ouvidor e aos teatros e bailes, e corridas e passeios. Se habitua com roupas finas, calçado justo, bengala, lenço, charuto, chapéu, cerveja, e “com tudo que os outros usavam.” (p.82). O elemento de “outros” é fundamental, porque aí está a emulação, a necessidade de impressionar. Claro, o que não entra em jogo aqui é justamente o bem comum da sociedade. Ao contrário, o povo vai ter que sustentar esta dissipação pagando aluguel e comida mais caros no cortiço e na venda,

respectivamente, de maneira idêntica ao que acontece em escala nacional, onde o povão é quem sustenta, através duma inflação feroz, as mordomias e projetos de elefante branco do governo

Ao nível do povo, como já mencionado, o fenômeno de emulação pecuniária manifesta-se em aspirações burguesas, mas também em um gastar descontrolado, desnecessário e arriscado. Veblen inclui nesta categoria, a crença e participação em jogos de sorte.

A estrutura bipolar do quadro dos personagens em **O Cortiço** é reforçada pela divisão entre os que dissipam e os que amealham, como aponta Rui Mourão:

Mas a essência daquilo que é considerado português ou brasileiro parece estar situada na capacidade ou não de amealhar. Miranda alcançou a sua posição, graças ao dinheiro que lhe proporcionava a mulher, e como sabia que aquele valor era fundamental, para não perdê-lo, suportava todos os vexames e asanhalamentos. João Romão concentrou as suas energias na batalha para construir a sua riqueza e é por meio dela que irá se tornar grande e respeitado.” (p. 9)

E é importante lembrar que, quando Jerônimo era ainda português (isto é, sem a transformação em brasileiro pela Rita Baiana), a sua preocupação maior “estava em formar um pecúlio, com o dinheiro economizado do seu trabalho e do trabalho da mulher. No momento em que se torna brasileiro, começa a dissipar o que duramente acumulara e vai viver daí para frente, consumindo sempre além das suas possibilidades e já totalmente desinteressado da idéia de ajuntar capital”.

A transformadora de Jerônimo, a Rita Baiana, é o melhor exemplo de dissipação da parte de pobres. Menina assanhada que “parece que tem fogo no rabo”, esta mulata não leva a sério o serviço. “Pode haver serviço que houver, aparecendo pagode, vai tudo pro lado!”. Para ela, “todos os dias são dias santos”, e no que parece uma dura mas justa crítica do autor ao caráter nacional brasileiro (e também de quase todos os países do terceiro mundo), a Rita Baiana, epítome brasileiro, “não guarda um vintém pro dia de amanhã. Parece que o dinheiro lhe faz comichão no corpo!” (p. 33-34); para ela, a vida é um carnaval, como não deixa de afirmar uma música de samba brasileira.

Outro exemplo de dissipação desta índole é o amante da Rita Baiana, Firmo: “era oficial de torneiro, oficial perito e vadio, ganhava uma semana para gastar num dia; (p. 49). Ele não só era vadio e pródigo, como também acreditava em, e praticava, jogos de azar; e era um verdadeiro “rabo de saia”:

... às vezes, porém, os dados ou a roleta multiplicavam-lhe o dinheiro, e então ele fazia como naqueles últimos meses: afogava-se numa boa pândega com a Rita Baiana. A Rita ou outra. “O que não faltava por aí eram saias para ajudar um homem a cuspir a cobra na boca do diabo”... . (p. 49)

Existe uma outra categoria de membros das camadas inferiorizadas com pretensões burguesas, entre os quais o melhor exemplo é Alexandre, mulato de quarenta anos, soldado de polícia, pernóstico de grande bigode preto, queixo sempre escanhado e em luxo de calças brancas e botões limpos na farda, e que se distanciava consideravelmente dos companheiros e até da própria mulher quando fardado. Era casado com Augusta Carne-Mole, branca, e tinham, entre outros, uma filha chamada Juju, que vivia com a madrinha, a cocote Leonie de procedência francesa e com sobrado na cidade. Leonie era vaidosa à francesa, exageradamente vestida, e “trazia sempre muito bem calçada e vestida a afilhada”. Era “prostituta de casa aberta” mas com o luxo que a cercava, constituía para Alexandre e a sua esposa, o orgulho e exemplo a ser emulado, uma fortuna, “o ideal das madrinhas”. (p. 74-75). A maioria da mulherada do cortiço também babava ante a ilustre e rica cocote. Se soubessem da agressão que a Pombinha sofreu no quarto da Leonie...!

Esta tendência burguesa dos pobres atingiu um nível mais alto com a modernização do cortiço:

Os preços dos cômodos subiam, e muitos dos antigos hóspedes, italianos principalmente, iam por economia, desertando para o “Cabeça-dos-Gatos” e sendo substituídos por gente mais limpa. Descia também o número das lavadeiras, e a maior parte das casinhas eram ocupadas agora por pequenas famílias de operários, artistas e praticantes de secretaria. O cortiço aristocratizava-se. (p. 153)

Este processo é consequência da cultura predatória que esmaga o pobre explorado. Como afirma Veblen,

o poder que a riqueza dá constitui um motivo para a acumulação. Tem o homem inclinação definida para a atividade teleológica, repugnando-lhe todo esforço fútil; essas qualidades, que tem o homem em virtude de seu caráter de agente, não o abandonam quando ele sai da simples cultura comunal, em que a nota de vida dominante é a solidariedade, instintiva e diferenciada, do indivíduo com o grupo a que se liga. (p.19)

Novas comunidades de gente mais “fina”, portanto, começaram a surgir, com novas identidades e afinidades e finalidades, mas sempre caracterizadas pelo mesmo espírito de solidariedade e, a nível individual, marcadas pelo espírito de ócio conspícuo, que tratamos a seguir.

### **3 Ócio Conspícuo**

Veblen afirma (p. 21-22) que “a mais forte das exigências secundárias da emulação, que é igualmente a de mais amplo alcance, é o requisito de abstenção de qualquer tipo de trabalho

produtivo”. Isto é porque, na cultura predatória, o trabalho se associa nos hábitos de pensamentos dos homens à fraqueza e à sujeição a um senhor. Portanto, o trabalho significa inferioridade, sendo considerado indigno do homem em sua plena capacidade. A teoria vebleniana esclarece que, para obter e conservar a consideração alheia não é bastante que o homem tenha simplesmente riqueza ou poder. É preciso que ele patenteie tal riqueza ou poder aos olhos dos outros. Faz-se, pois, uma distinção entre o que é vil e o que é honorífico no modo de viver do homem. Sinal evidente desse fato é a repugnância instintiva pelas formas mais vulgares do trabalho que sentem, com raríssimas exceções, os membros das classes mais altas.

Durante o estágio predatório, propriamente dito, uma vida ociosa é o mais simples e mais patente modo de demonstrar força pecuniária e consequentemente força superior. É preciso mostrar que se possa viver sem dificuldade no conforto. Na época de escravos, o trabalho era associado com a degradação da escravidão, e hoje, a abstenção conspícua de trabalhar se torna a marca convencional de uma superior realização pecuniária, e o índice aceito de respeitabilidade. Por outro lado, torna-se o trabalho inconsistente com uma posição respeitável na comunidade, já que o trabalho produtivo é a marca da pobreza e da sujeição.

A instituição da classe ociosa, segundo Veblen, vai se desenvolvendo com a evolução da cultura predatória, e afirma que, mesmo que não tivesse surgido juntamente com a propriedade individual, “por força da desonra ligada às tarefas produtivas, teria sido de qualquer modo uma das primeiras consequências da propriedade” (p. 23). Outro aspecto que Veblen destaca é que “embora tivesse existido em teoria desde o início da cultura predatória, a classe ociosa assume nova e mais completa significação com a transição de um estágio predatório para o seguinte estágio predatório”. Desde então, é ela uma “classe ociosa” não somente em teoria mas também de fato. “Desse momento data a instituição da classe ociosa na sua forma consumada”(p. 23), conclui Veblen.

A classe ociosa prestigia algumas ocupações – governo, guerra, esporte, funções rituais – e junto com seus teóricos, afirmam que tais ocupações são incidentalmente e de modo indireto “produtivas”. Mas Veblen contesta esta afirmação, porque, segundo ele, “o motivo usual e ostensivo da classe ociosa, em tais ocupações, não é, evidentemente aumentar a riqueza por esforço produtivo”. A nota máxima do fenômeno é a desnecessidade do trabalho como prova convencional da riqueza, sendo portanto a marca convencional da posição social. Essa insistência sobre o mérito da riqueza leva a uma insistência sobre o ócio. E insistem tanto que, às vezes, vira tabú. Veblen nos dá um interessante exemplo do tabú derivado da indignidade ou da incompatibilidade moral do trabalho. Trata-se da conduta dum “certo rei da França que, segundo dizem, perdeu a vida por demonstrar um excesso de fortaleza moral na observância da etiqueta.

Na ausência do funcionário encarregado de afastar a cadeira real, o rei permaneceu perto da lareira deixando sem se queixar que sua real pessoa se queimasse irremediavelmente”. A sua satisfação ficou no fato de não permitir que “ Sua Majestade Cristianíssima se contaminasse com uma tarefa servil”:

*Summum crede nefas animam praeferre pudori  
Et propter vitam vivendi perdere causas* (Veblen, p. 24)

Um importante lembrete: o termo “ócio” nesta teoria não implica “indolência” ou “quiescência”. Significa simplesmente, nos adverte Veblen, “tempo gasto em atividade não produtiva”. Mas o homem ocioso não passa todo o seu tempo diante dos olhos dos outros; ele procura gastar parte do seu tempo forçosamente longe dos olhos do público, e tem, por amor ao seu bom nome, prestar contas convincentes da sua utilização desse tempo disponível privado”.

**O Cortiço** nos mostra o fenômeno de ócio conspícuo na vida de Miranda e de João Romão. Com a chegada da riqueza, aumenta o número de empregados e funcionários, e o homem rico vai se afastando do trabalho que costumava fazer. O caso de João Romão é especialmente ilustrativo; a riqueza era visível:

... E o armazém, com as suas portas escancaradas sobre o público, engolia tudo de um trago, para depois ir deixando sair de novo, aos poucos com um lucro lindíssimo, que ao fim do ano causava assombros. João Romão fizera-se a fornecedor de todas as tabernas e armarinhos de Botafogo; o pequeno comércio sortia-se lá para vender o retalho... (p. 152-153)

Depois do estabelecimento do império comercial, e conseqüentemente da riqueza, percebem-se os primeiros sinais de ócio – o quadro de funcionários. Afirmo Veblen:

À medida que cresce o padrão de riqueza reconhecido por todos, ocorre um refinamento **no emprego e no uso de criados, como meio de demonstrar riqueza supérflua. A posse e a manutenção de escravos, empregados na produção de bens demonstra riqueza e proeza do senhor, mas a manutenção de criados que nada produzem demonstra ainda maior riqueza e posição.** (VEBLEN, p. 32)

Voltando a João Romão, “ sua casa tinha agora um pessoal complicado de primeiros, segundos e terceiros caixeiros, além do guarda-livros, do comprador, do despachante e do caixa; (p. 153)

É evidente que este quadro de pessoal é supérfluo e, portanto, indicativo de condição de ócio conspícuo.

No caso de Miranda, além do pessoal do comércio, agora na condição de Barão, ele dispõe de vários criados, e então, além do ócio conspícuo já visto, nos dá a manifestação de “ócio vicário”, porque os deveres domésticos executados por criados não são “tanto em benefício do

lar, tomado como uma unidade, como um grupo, do qual a esposa é parte em visível pé de igualdade”. Assim, à criadagem original da família de Miranda, composta da mulata Isaura, “a negrinha virgem chamada Leonor” e “o tal Valentim, filho de uma escrava que foi de Dona Estela a quem esta havia alforriado”, tem que acrescentar-se os novos que chegaram com o baronato de Miranda, dando desta maneira a condição de “ócio vicário” a Dona Estela e à delicada Zulmira, sua filha. A mordomia do Barão sobra para a sua família nuclear.

## Observações Finais

A teoria da classe ociosa, com base na propriedade privada gerando o estado de luta ou espírito belicoso, é aplicável a qualquer fase da evolução da sociedade, desde os tempos ditos bárbaros ou primitivos da humanidade, até a sociedade mais sofisticada, como não deixa de sublinhar o próprio Veblen. A luta, contudo, é essencialmente uma luta por honorabilidade fundada numa odiosa comparação de prestígio entre os indivíduos. E assim sendo, observa com razão Thorstein Veblen, “é impossível uma realização definitiva” ou teleológica. E, embora a luta, interpretada como competição sadia (como nas postulações sobre jogo no **Homo Ludens** de Huizinga), pode levar, e tem levado, a grandes invenções e iniciativas em prol do progresso humano, os problemas atuais das sociedades capitalistas parecem ter a sua explicação na teoria da classe ociosa. A cobiça, a corrida materialista, o ócio implicando o desprezo do trabalho honesto e produtivo, o estado de luta e guerra que isso tudo gera, estão na base do empobrecimento dos povos, da inflação, do desprestígio da cultura autêntica e das artes, da corrida armamentista, da corrupção e da estupidez humana, tanto nas altas escalões como nas camadas inferiorizadas da sociedade. O ideário da escola institucionalista, da qual Veblen era precursor, investia contra os postulados da economia liberal clássica/neoclássica, postulando, sobretudo, que

“... a atividade econômica não é meramente a soma das atividades de indivíduos movidos pela busca de um ganho econômico máximo. Na atividade econômica, é possível discernir padrões de ação coletiva, que não se reduzem à pura soma dos atos individuais”,  
(VEBLEN, p. IX).

Daí a importância das instituições na vida econômica. E, por “instituição”, entenda-se qualquer padrão organizado de comportamento coletivo, constitutivo do universo cultural, e não só organizações criadas com fins específicos, como a escola, as prisões, os bancos, a família, etc., mas todo um conjunto de usos e costumes, leis, códigos de conduta, modos de pensar e de agir culturalmente sacramentados. (p. IX). Uma visão evolucionista, holística, que não acredita, como fazem os economistas clássicos, que as leis da Economia são imutáveis, nem no equilíbrio espontâneo dos sistemas econômicos, já que, na sua observação, os sistemas de organização

econômica apresentam desajustes inerentes que requerem intervenção governamental. Assim, defendiam o planejamento econômico, em algum grau, e a interferência governamental para corrigir os desequilíbrios do ciclo econômico, decorrentes de profundos choques de interesses no interior de sociedades.

A sociedade brasileira captada em **O Cortiço** é especialmente vulnerável às forças desencadeadas pelo sistema do livre mercado, os seus membros sujeitos às taras dos indivíduos e grupos de interesses, um mundo de “*selva selvaggia* onde os fortes comem os fracos” (BOSI, 1979:213)<sup>12</sup>, demonstrando o pendor de Aluísio Azevedo para as teorias darwinistas (BOSI, idem, p. 212), que, por sinal, informam também as institucionalistas teorias veblenianas. Mas, ao contrário do que diz Bosi, essa condição de selvageria não deve ser explicada meramente em termos “das vilanias e torpezas que “naturalmente” devem povoar a existência da gente pobre”: trata-se duma situação patológica verificável, como já mencionado, a qualquer fase do desenvolvimento da sociedade humana, à espera da intervenção duma cirurgia institucional, governamental. E, num Brasil com fortes vestígios duma sociedade escravocrata, esta situação patológica persiste e se vê reforçada no cânone literário oficial, marcado pelo apagamento, senão a vilificação, no retrato do elemento afro-brasileiro, objeto e vítima principal da escravidão, sistema socio-econômico especialmente propício para a evolução da cultura predatória naquela conjuntura da construção da nação brasileira no limiar da Abolição.

Em **O Cortiço**, Azevedo acaba protagonizando, talvez sem querer, as classes subalternas da sociedade brasileira, que incluem os afro-brasileiros – pegos entre a moribunda escravidão institucionalizada e a versão velada de alforriados no vendaval da cultura predatória - aqui representados pela Bertoleza e, especialmente, pela carismática mulata Rita Baiana que, longe de mera figurante, como é de praxe na *mainstream* literatura brasileira, talvez seja a personagem mais reconhecível e “brilhante” não só do romance, como também na literatura brasileira. Enquanto que a negra Bertoleza é retratada como mulher submissa e vítima da evolução da cultura predatória da classe iciosa – como objeto, portanto -, a Rita, personagem em cujo apelido ressoa o nome da região emblemática da irradiação da cultura afro-brasileira, representa, na sua dupla dimensão de estereótipo de mulata sensual, sexualizada e racializada<sup>13</sup> por uma parte, e mulher independente, proativa, rebelde, imbuída de qualidades de liderança e revestida de poder comunitário no seu meio, por outra, a representação literária do afro-brasileiro como, ao mesmo tempo, objeto e sujeito, um primeiro caso na literatura brasileira.

Aluísio Azevedo e Thorstein Veblen, por uma coincidência “naturalista”, e contando com um contributo teórico de Johan Huizinga sobre a função social do jogo, nos descobrem a

verdadeira condição humana, cujas leis, com relevância especial para a sociedade brasileira, subjazem os dramas que animam **O Cortiço**.

## Referências

AZEVEDO, Aluísio. **O Cortiço**. 14. ed., São Paulo: Ática, 1983.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 2. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1979.

GADZEKPO, J. R. A. **Do Duelo Poético-Satírico na Gestão de Conflitos Sociais: um tríptico africano, português e brasileiro**. 2007. Tese (Doutorado em Langues Vivantes) — Faculté des Lettres Langues, Université de Poitiers, 2007.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

LOURÃO, Rui. Um mundo de galegos e cabras: nota introdutória a *O Cortiço*. In: AZEVEDO, Aluísio. **O Cortiço**. 14. ed., São Paulo: Ática, 1983.

SILVEIRA, Maria Helena Vargas da. **As Filhas das Lavadeiras**. Porto Alegre: Grupo Cultural Rainha Ginga.

VEBLÉN, Thorstein. **A Teoria da Classe Ociosa: Um Estudo Econômico das Instituições**. 2. ed., São Paulo: Nova Cultural, 1987.

## Sites internet

“Da mulher submissa à rebelde em *O Cortiço*:(Bertoleza e Rita Baiana)” por Marília Amparo em <http://www.webartigos.com>

<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20080227163915AATHZKv>

---

<sup>1</sup> John Rex Amuzu GADZEKPO

Investigador do Centro de Estudos em Letras (CEL) da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT).

<sup>2</sup> “É coisa torpe, podes crer, antepor a vida à honra e, salvando a vida, perder a razão de viver.” Este verso satírico de Juvenal (*Satirae* 8.82), utilizado por Veblen para exemplificar o máximo efeito do tabu da indignidade do trabalho (como veremos adiante), pode ser considerado como porta-bandeiras da teoria da classe ociosa, sendo um pensamento que exprime bem a força intrínseca do imperativo moral, e a depreciação que sofremos, quando, imobilizados pela esclerose das ideologias, instituições, tradições, convicções, taras e tabus, deixamos a pureza dos motivos ceder à chamada auto-estima.

<sup>3</sup> Rui Mourão, «Um mundo de galegos e cabras», apresentação de **O Cortiço** de Aluísio Azevedo, *op.cit.*, p.9.

<sup>4</sup> *Op.cit.*, Dados biográficos, p.3.

<sup>5</sup> Thorstein Bunde Veblen (30 de julho de 1857 - 3 de agosto de 1929) foi um economista e sociólogo estadunidense, filho de imigrantes noruegueses. Veblen se formou em Filosofia pela Universidade Johns Hopkins e doutorou-se por Yale. Sem poder encontrar trabalho como professor, matriculou-se de novo na Universidade de Cornell, onde conheceu a J. L. Laughlin, que o convidou a entrar para o Departamento de Economia da Universidade de Chicago. Em 1919 Veblen foi um dos fundadores da New School for Social Research.

Sua obra mais famosa é **The Theory of the Leisure Class**, na qual Veblen analisou a estrutura econômica de sua época desde a ótica do darwinismo, e criticou a ostentação das classes mais favorecidas. Os pensamentos expostos nesta obra são talvez mais relevantes hoje do que no tempo de Veblen. Por sua ênfase nos usos e costumes sociais como fenômenos explicativos da atividade econômica, ele é considerado o fundador da escola institucionalista do pensamento econômico. São também sua da autoria **The Instinct of Workmanship** (1914), **Imperial Germany and the Industrial Revolution** (1915), **The Higher**

**Learning in America** (1918), **Absentee Ownership** (1923), **The Theory of Business Enterprise** (1904), sua principal obra econômica, e vários ensaios.

(adaptado de Wikipedia - [http://pt.wikipedia.org/wiki/Thorstein\\_Veblen](http://pt.wikipedia.org/wiki/Thorstein_Veblen)).

<sup>6</sup> Na sua Introdução (p10), Veblen relaciona a hierarquização do trabalho a essa ‘guerra dos sexos’, afirmando : « A diferença entre proeza e trabalho desagradável e rotineiro coincide com a diferença dos sexos. Os sexos diferem, não somente em estatura e força muscular, mas talvez ainda mais decisivamente em temperamento, e isso muito cedo deve ter causado uma correspondente divisão de trabalho ».

<sup>7</sup> Cf Gadzekpo, J.R.A. (2007, p. 89): 1.4.2.6. **Estruturalismo do jogo: psicodinâmica da oralidade e estrutura agonística**, analisando e citando o **Homo Ludens** de Johan Huizinga, e afirmando que essa binomia, ..., nasce da estrutura antagonística e antitética da própria comunidade, e que todo o mundo espiritual deste tipo de comunidade corresponde a esse profundo dualismo - tribo dividida em duas metades opostas, chamadas fratrias pelos antropólogos, as quais são separadas pela mais rigorosa exogamia. O dualismo que diversifica as duas metades se estende a todo o mundo conceptual e imaginativo da tribo. “Todas as criaturas, todas as coisas têm seu lugar em um ou outro dos dois lados, de tal modo que tudo o cosmos é abrangido por essa classificação”(p. 60). O dualismo dos sexos não seria, como diz Huizinga, “ao lado dessa divisão tribal”, mas, ao nosso ver, na base dela, sendo de natureza empírica e anterior a (e determinadora de) toda organização social humana. Em todo caso, o dualismo de qualquer forma é um prerequisite para o caráter agonístico do jogo, e mesmo se as pessoas, individualmente ou em grupos, possam, em determinado momento, constituir grupos unidos em função dum jogo ou uma competição, parece lícito afirmar que o confronto mais “natural” e permanente seja o de homens contra mulheres. (p. 98)

<sup>8</sup> (Cf **As Filhas das Lavadeiras**, de Maria Helena Vargas da Silveira, um registro da história social das lavadeiras dessa categoria, símbolos da exploração, da qual tratamos em artigo intitulado “Entre o Cordel e o Pau-Brasil: uma metáfora diacro-sincrônica do Brasil”,( in Martins, Clerton: **Revista de Malestar e Subjetividade**,Vol. IV – Nº 1 – Março de 2004, Fundação Edson Carneiro/Universidade de Fortaleza, p.171-206).

Vargas da Silveira fala dos afrodescendentes do Brasil, e tratando-se de um documento-testemunho, como indica o título, das filhas das mulheres lavadeiras (a maioria negras e talvez as primeiras mulheres empresárias do Brasil) que lutaram em condições difíceis para ajudar no sustento das suas famílias e investir na educação das suas crianças. Dessas lavadeiras em geral, cujo “Sabãozinho Está Ficando Pouco, Sumindo...) – canção do Ato 3: Lavação de Roupas das **Filhas das Lavadeiras**), parece cantar Mansueto, citado por Nelson Inocêncio, em nota de apresentação do dito livro (<http://rainhaginga.sites.uol.com.br/projeto.htm>):

*A roupa um tantão assim  
Dinheiro um tiquinho assim  
Para lavar a roupa da minha sinhá*

<sup>9</sup> *Op.cit.*, p.7

<sup>10</sup> Na sua obra teatral **Fuenteovejuna** (1610), o escritor barroco espanhol, Lope de Vega, imortalizou o gesto de solidariedade da pequena vila de Fuente Ovejuna cujos habitantes, cansados da exploração e dos desmandos (inclusive abuso sexual) do Comendador (uma espécie de governador provincial da coroa espanhola) fizeram a justiça com as próprias mãos invadindo o palácio e assassinando o Comendador. As respostas do povo, quando do inquérito conduzido pelo juiz quanto a quem matara o Comendador, plasmaram esse alto espírito de solidariedade: “¿Quién mató al comendador?, Fuente Ovejuna, señor ¿quién es Fuente Ovejuna? Todos a una, señor.”

([http://es.wikipedia.org/wiki/Fuenteovejuna\\_%28obra\\_teatral%29](http://es.wikipedia.org/wiki/Fuenteovejuna_%28obra_teatral%29))

<sup>11</sup> No capítulo 1, Natureza e Significado do Jogo como Fenômeno Cultural, o pensador holandês fala da separação espacial entre o ambiente do jogo e o da vida quotidiana: «Verificamos que uma das características mais importantes do jogo é a sua separação espacial em relação à vida quotidiana. É-lhe reservado, quer material ou idealmente um espaço fechado, isolado do ambiente quotidiano, e é dentro desse espaço que o jogo se processa e que suas regras têm validade.» (p. 23)

<sup>12</sup> Na sua análise da ideologia naturalista, O Prof. Alfredo Bosi parece estabelecer um cordão umbilical entre as teorias veblenianas e a criação literária, exemplificando com o próprio **Cortiço** de Aluísio Azevedo: “A redução das criaturas ao nível animal cai dentro dos códigos anti-românticos de despersonalização; mas o que uma análise mais percuciente atribuiria ao sistema desumano de trabalho, que deforma os que vendem ulcera os que compram, à consciência do naturalista aparece como um fado de origem fisiológica, portanto inapelável. Como dá caráter absoluto ao que é efeito da iniquidade social, o naturalista acaba fatalmente estendendo a amargura da sua reflexão à própria fonte de todas as suas leis: a natureza humana afigura-se-lhe uma *selva selvaggia* onde os fortes comem os fracos. Essa, a mola do **Cortiço**. Essa, a explicação das vilanias e torpezas que “naturalmente” devem povoar a existência da gente pobre. E essa também a causa do desfecho, que se quer trágico, mas é apenas teatral.”

<sup>13</sup> Cf as seguintes observações sobre o revolucionário fenômeno Rita Baiana: “Contrária ao retrato da mulher idealizada romântica, Rita é a mulher independente e rebelde, que diferente de Bertoleza, oprime e seduz os homens, desmoralizando a idéia de modelo patriarcal da sociedade em que a mulher era apenas objeto, Rita Baiana criticando até mesmo a instituição casamento vai contra toda uma ordem estabelecida.” “Da mulher submissa à rebelde em O Cortiço:(Bertoleza e Rita Baiana)” publicado 12/06/2008 por Marília Amparo em <http://www.webartigos.com>

“Escrita em 1890, é uma mulher a frente de seu tempo. Ama a quem lhe aprouver, da forma que melhor lhe parecer. É deliciosamente livre e despida de amarras e preconceitos, é como a maioria de nós queria ser. É mulata decidida e generosa que enfrenta a vida de peito aberto, disposta a sofrer e gozar com a mesma intensidade. Fiel aos seus gostos e às suas paixões, a elas se entrega por inteiro.”

<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20080227163915AATHZKv>